



RELICI

**DE TALOKAN À WAKANDA: COLONIALISMO EPISTÊMICO E A IMAGINAÇÃO
CONTRA-HEGEMÔNICA EM *PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE*
(2022)¹**

*FROM TALOKAN TO WAKANDA: EPISTEMIC COLONIALISM AND THE
COUNTER-HEGEMONIC IMAGINATION IN BLACK PANTHER: WAKANDA
FOREVER (2022)*

Luis Otávio Vilela da Cruz²

RESUMO

O artigo analisa criticamente *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* (2022), de Ryan Coogler, examinando como a obra constrói uma narrativa contra-hegemônica a partir do confronto entre Wakanda e Talokan. A pesquisa, de caráter qualitativo, exploratório e bibliográfico, fundamenta-se nos conceitos de colonialidade do poder (Quijano, 2010), racismo estrutural (Almeida, 2019), necropolítica (Mbembe, 2018), pedagogia libertadora (Freire, 1996; 2011) e princípio esperança (Bloch, 2005), articulando-os às ideias de convergência cultural (Jenkins, 2009) e resistência cultural no capitalismo tardio (Jameson, 1994). A análise observa que Wakanda, ancorada no afrofuturismo e na soberania tecnológica africana, representa uma postura de preservação e diplomacia estratégica, enquanto Talokan, com raízes mesoamericanas e memória de trauma colonial, adota uma política de autodefesa radical. A narrativa fílmica, ao evitar soluções maniqueístas e ao construir uma aliança instável entre as nações, subverte convenções do gênero, posicionando povos historicamente marginalizados como protagonistas políticos e culturais. O estudo também examina o diálogo do filme com sua matriz nos quadrinhos, ressaltando a transformação de Atlântida em Talokan e as implicações dessa reinterpretação para a representação indígena e afro-latina. Conclui-se que a obra opera como pedagogia estética, capaz de mobilizar o espectador para reflexão crítica sobre colonialismo, soberania e solidariedade no Sul Global, revelando que, mesmo inserido nas estruturas da indústria cultural, o cinema blockbuster pode articular imaginários políticos emancipadores.

Palavras-chave: cinema, colonialidade, resistência cultural, afrofuturismo, epistemologias do Sul.

¹ Recebido em 12/09/2025. Aprovado em 09/10/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17440422

² Universidade Federal de São Carlos. luisvilelajuridico@outlook.com



RELICI

91

ABSTRACT

This article offers a critical analysis of *Black Panther: Wakanda Forever* (2022), directed by Ryan Coogler, examining how the film constructs a counter-hegemonic narrative through the confrontation between Wakanda and Talokan. The qualitative, exploratory, and bibliographical research is grounded in the concepts of coloniality of power (Quijano, 2010), structural racism (Almeida, 2019), necropolitics (Mbembe, 2018), liberating pedagogy (Freire, 1996; 2011), and the principle of hope (Bloch, 2005), combined with ideas from cultural convergence (Jenkins, 2009) and cultural resistance in late capitalism (Jameson, 1994). The analysis highlights that Wakanda, rooted in Afrofuturism and African technological sovereignty, embodies a stance of preservation and strategic diplomacy, while Talokan, with Mesoamerican roots and a legacy of colonial trauma, pursues a policy of radical self-defense. By avoiding manichean solutions and creating an unstable alliance between these nations, the film subverts genre conventions, positioning historically marginalized peoples as political and cultural protagonists. The study also explores the film's dialogue with its comic book origins, emphasizing the transformation of Atlantis into Talokan and the implications of this reinterpretation for Indigenous and Afro-Latin representation. It concludes that the film functions as an aesthetic pedagogy, encouraging viewers to critically reflect on colonialism, sovereignty, and solidarity in the Global South, showing that even within the structures of the culture industry, blockbuster cinema can articulate emancipatory political imaginaries.

Keywords: cinema, coloniality, cultural resistance, Afrofuturism, epistemologies of the South.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em 2022, estreou *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, sequência direta do filme de 2018 que consolidou a soberania afrofuturista de Wakanda no universo cinematográfico da Marvel. Dirigido por Ryan Coogler, o segundo filme emerge num contexto de luto, pela morte do ator Chadwick Boseman, e reinvenção: o trono vago de Wakanda precisa lidar não apenas com ameaças externas, mas com uma insurgência inesperada vinda do mar — o reino submerso de Talokan, liderado por Namor. É justamente nesse embate entre duas potências não-brancas, invisibilizadas historicamente pelas narrativas hegemônicas, que o filme atualiza tensões coloniais, reconfigura mitologias políticas e reabre, no cinema blockbuster, a possibilidade de imaginar mundos outros — mais justos, insurgentes e plurais.



RELICI

Este artigo propõe uma análise crítica do filme *Wakanda Para Sempre*, com ênfase na sua potência contra-hegemônica — não no sentido partidário ou panfletário, mas no que Ernst Bloch (2005) chamou de "princípio esperança": uma força utópica imanente às lutas dos oprimidos, que projeta futuros possíveis a partir das ruínas do presente. Interessam-nos aqui as articulações visuais, políticas e simbólicas que o filme realiza ao colocar em confronto dois projetos de mundo não ocidentais: Wakanda, com sua tradição tecnológica e diplomática africana, e Talokan, com raízes mesoamericanas e um desejo radical de enfrentamento do colonialismo global. Se Wakanda representa o segredo e a resistência estratégica, Talokan encarna a revolta e o contra-ataque como formas de sobrevivência.

A pesquisa se inscreve no campo dos estudos culturais e cinematográficos, com suporte nas teorias da colonialidade do poder (QUIJANO, 2010), do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), da necropolítica (MBEMBE, 2018) e da pedagogia libertadora (FREIRE, 1996; 2011). Além disso, mobiliza conceitos de convergência cultural (JENKINS, 2009) para refletir sobre como o cinema *mainstream* pode, mesmo nos limites do capitalismo tardio (JAMESON, 1994), veicular imaginários políticos contra-hegemônicos, ainda que tensionados pelas lógicas do mercado global.

A escolha de *Pantera Negra 2* como objeto de estudo não se deve apenas à sua repercussão midiática, mas sobretudo à forma como ele ressignifica identidades racializadas e colonizadas, não como vítimas passivas da história, mas como sujeitos políticos ativos, criadores de mundos, tradições e tecnologias próprias. Nesse sentido, há no filme uma pedagogia estética que dialoga com o projeto de conscientização proposto por Paulo Freire (1996), ao provocar o espectador a refletir sobre os sistemas de opressão — mas também sobre as potências de resistência.

Ao apresentar Namor como líder de um povo submerso que sobreviveu ao genocídio colonial europeu, o filme nos convoca a olhar para as violências invisibilizadas da história. Talokan é uma metáfora das epistemologias do sul (SANTOS; MENESES, 2010) — saberes afogados pela colonialidade, mas que persistem em tensionar o presente. Ao contrário de representações tradicionais do



RELICI

"inimigo latino", Namor não é um vilão no molde maniqueísta: é um líder político complexo, produto de um trauma colonial e articulador de um projeto coletivo de vingança e sobrevivência. Seu nome na língua ancestral — *K'uk'ulkan* — e a mitologia em torno de seu povo rompem com o imaginário branco-normativo hollywoodiano, dando lugar a uma estética mesoamericana vívida, híbrida e insurgente.

Ao colocar Talokan e Wakanda em rota de colisão, o filme tensiona o velho dilema político entre integração e ruptura, diálogo e enfrentamento, estratégia e confronto. Mais que uma disputa entre povos, o que se observa é um debate simbólico sobre os caminhos da libertação em tempos de catástrofe climática, guerras neocoloniais e racismo globalizado. Neste ponto, a leitura de Frantz Fanon (2008) se torna imprescindível: "toda geração precisa descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la". Wakanda tenta preservar; Talokan exige vingança. Ambas as estratégias são formas de insurgência contra um mundo estruturado pela dominação eurocentrada.

É nesse horizonte que se localiza este trabalho: como leitura politizada, crítica e não eleitoral da imagem, do som e da narrativa em *Wakanda Para Sempre*. A proposta é vislumbrar, com Bloch (2005), os rastros de esperança nas ruínas da colonialidade; com Freire (1996), os gestos pedagógicos do filme; com Mbembe (2018), os mecanismos de soberania que determinam quem vive e quem pode morrer; com Almeida (2019), os sistemas que estruturam o racismo para além do indivíduo. Em suma, trata-se de investigar o cinema como campo de disputa ideológica e poética, e como ferramenta para imaginar (e fabular) mundos possíveis.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, exploratório e bibliográfico, conforme propõem Gil (2010) e Marconi e Lakatos (2014), visando compreender como o filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* articula, em sua narrativa e estética, elementos contra-hegemônicos vinculados à crítica do colonialismo, às epistemologias do Sul e à imaginação política insurgente.



RELICI

A abordagem qualitativa permite interpretar fenômenos simbólicos que não são mensuráveis numericamente, mas que possuem densidade sociocultural e política (GIL, 2010). Como objeto principal, utilizamos o filme *Wakanda Para Sempre* (2022), dirigido por Ryan Coogler e distribuído pela Marvel Studios, enquanto fonte primária audiovisual. A obra foi analisada como documento cultural (MARCONI; LAKATOS, 2014), considerando-se seu enredo, estética visual, personagens, trilha sonora e diálogos, com o objetivo de identificar elementos que dialogam com a colonialidade do poder, a necropolítica, o racismo estrutural e a pedagogia libertadora.

Complementarmente, realizamos levantamento bibliográfico a partir de obras de autores como Frantz Fanon (2008), Achille Mbembe (2018), Silvio Almeida (2019), Paulo Freire (1996), Ernst Bloch (2005), Stuart Hall (2015), Walter D. Mignolo (2010) e Aníbal Quijano (2010), entre outros. Esses referenciais foram utilizados como fundamento teórico para a leitura crítica do filme, permitindo identificar os significados sociais, políticos e históricos presentes nas representações audiovisuais.

A análise foi conduzida por meio de interpretação crítica de conteúdo, considerando a articulação entre estética e política como eixo principal. Essa perspectiva segue o entendimento de que o cinema, especialmente o de massa, é um território de disputas simbólicas e de produção de sentidos (HALL, 2015), mesmo quando mediado por estruturas industriais capitalistas (JAMESON, 1994). A seleção dos autores dialoga com uma perspectiva interdisciplinar, conjugando elementos da filosofia, sociologia, história, pedagogia e teoria crítica.

Portanto, a metodologia adotada possibilitou uma leitura do filme não como simples entretenimento, mas como dispositivo cultural complexo, no qual emergem questões fundamentais sobre colonialismo, resistência e esperança insurgente.

REFERENCIAL TEÓRICO

O cinema, enquanto linguagem artística e meio de comunicação de massa, ocupa um papel privilegiado na constituição de imaginários e na disputa de sentidos sociais. No contexto latino-americano, pensar o cinema como espaço de resistência



RELICI

significa confrontar as camadas de colonialidade que historicamente moldaram as representações de povos e culturas da região. *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, ainda que produzido no centro da indústria cultural global, desloca o olhar tradicional hollywoodiano ao apresentar como protagonistas dois povos não brancos (Wakanda e Talokan) cujas histórias e visões de mundo se enraízam em tradições africanas e ameríndias. Este gesto estético e narrativo cria fissuras no padrão eurocentrado, favorecendo leituras contra-hegemônicas e emancipadoras.

A compreensão dessa operação simbólica exige, primeiramente, diálogo com Stuart Hall (2015), que defende a representação como processo constitutivo das identidades culturais e não como mero reflexo de uma realidade externa. No filme, a representação de Wakanda e Talokan não apenas mostra culturas distintas, mas propõe uma reorganização do campo simbólico, permitindo que epistemologias subalternizadas ocupem o centro da narrativa. Esse deslocamento se contrapõe ao que Aníbal Quijano (2010) chama de “colonialidade do poder”, sistema que, desde a invasão europeia às Américas, articulou a dominação econômica à classificação racial e à subordinação epistêmica. O colonialismo ibérico não apenas expropriou terras e corpos, mas impôs uma hierarquia de saberes que marginalizou tanto as cosmovisões africanas trazidas pela diáspora forçada quanto as matrizes indígenas originárias da América.

Ao introduzir Talokan como civilização inspirada em povos maias, o filme propõe uma espécie de arqueologia imaginativa que resgata a grandiosidade tecnológica, cultural e espiritual dessas sociedades, obliteradas na narrativa colonial dominante. A memória do genocídio indígena e da escravização africana é reconfigurada na ficção como elemento constitutivo da identidade desses povos, dialogando com o que Walter Mignolo (2010) define como “desobediência epistêmica”: a recusa em legitimar apenas os conhecimentos validados pelo Ocidente moderno-colonial. Essa insurgência do saber é, na obra, expressa em elementos estéticos — como a língua original, as vestimentas e as tecnologias híbridas — que desafiam o



RELICI

imaginário colonizador e colocam em cena epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2010).

A narrativa de Talokan e Wakanda também se relaciona diretamente com o conceito de necropolítica de Achille Mbembe (2018), que analisa como o poder contemporâneo define, de forma seletiva, quem deve viver e quem pode morrer. Essa soberania sobre a morte, herdada das lógicas coloniais e escravocratas, é evidente na história latino-americana: das casas-grandes e senzalas aos latifúndios modernos, das guerras de extermínio indígena às ditaduras militares do século XX, a gestão da vida foi sempre racializada. No filme, a disputa pelo vibranium opera como metáfora da cobiça sobre recursos estratégicos da periferia global, frequentemente extraídos à custa da destruição de comunidades e ecossistemas, repetindo o padrão de pilhagem colonial que marcou a história da América do Sul.

A escravidão transatlântica, como lembra Silvio Almeida (2019), não é um capítulo encerrado do passado, mas estrutura a organização social, econômica e política contemporânea. O racismo estrutural que dela deriva legitima desigualdades e naturaliza a marginalização de povos negros e indígenas, sustentando o que Mbembe (2018) identifica como “zonas da morte” — espaços onde a vida é precarizada e exposta à violência sistêmica. Ao dar centralidade a personagens e povos que historicamente foram empurrados para essas zonas, *Wakanda Para Sempre* reverte o enquadramento habitual, apresentando-os como produtores de história, tecnologia e futuro.

Essa inversão dialoga com a pedagogia libertadora de Paulo Freire (1996), que entende a educação como prática da liberdade e processo de conscientização. O filme pode ser interpretado como uma experiência pedagógica no sentido freireano, pois convida o espectador a problematizar as narrativas dominantes, estimulando a leitura crítica do mundo (e não apenas da palavra). Ao mostrar o conflito entre duas nações oprimidas, uma africana e outra ameríndia, sem reduzi-lo a antagonismos simplistas, a narrativa sugere que a libertação exige tanto consciência das opressões históricas quanto diálogo e solidariedade ativa entre os povos do Sul Global.



RELICI

A esperança que emerge dessa pedagogia é próxima ao “princípio esperança” formulado por Ernst Bloch (2005). Para o filósofo, a utopia não é fuga do real, mas projeção concreta de futuros possíveis que já se anunciam no presente. Talokan e Wakanda, embora ameaçadas por forças externas e internas, representam mundos que sobrevivem e criam alternativas ao capitalismo e ao colonialismo, carregando em si o “ainda-não” blochiano: aquilo que ainda não se realizou, mas que orienta a ação coletiva rumo a uma realidade mais justa. Essa perspectiva utópica não é ingenuidade, mas horizonte político que alimenta as lutas de libertação.

Fredric Jameson (1994) lembra que, mesmo sob o domínio do capitalismo tardio, produtos da cultura de massa podem conter elementos de resistência, ainda que permeados por contradições. O cinema blockbuster, embora condicionado por exigências comerciais, pode funcionar como espaço de elaboração simbólica de conflitos reais. Nesse sentido, *Wakanda Para Sempre* carrega as ambivalências de um produto global: ao mesmo tempo que circula como mercadoria da Disney, também oferece uma contra-narrativa poderosa sobre identidade, história e emancipação.

Henry Jenkins (2009), ao falar da cultura da convergência, destaca que obras como essa se expandem para além da tela, sendo apropriadas por comunidades diversas que reinterpretem seus significados. Para públicos latino-americanos, especialmente afrodescendentes e indígenas, a representação digna e centralizada de suas culturas é um gesto político de reparação simbólica. Tal apropriação ativa cria um circuito de sentidos que pode reforçar a autoimagem positiva e fortalecer movimentos de resistência cultural.

A América Latina, com sua história de colonização, escravidão e dependência econômica, oferece um campo privilegiado para a recepção desse tipo de narrativa. A ficção de Talokan ressoa com a memória de povos originários que resistiram à invasão e com a diáspora africana que construiu formas de sobrevivência e cultura apesar do cativeiro. Essa memória coletiva é o que Mignolo (2010) chama de “opção descolonial”: a escolha consciente de afirmar modos de existência não subordinados à racionalidade ocidental. Quando o filme mostra Namor reivindicando a proteção de



RELICI

seu povo e sua recusa em se submeter às potências coloniais, ecoa as lutas reais por soberania e autodeterminação que marcam a história da região.

Ao mesmo tempo, a tensão entre Wakanda e Talokan ilustra os dilemas internos das lutas do Sul Global: diante da ameaça comum, escolherão se unir contra o opressor ou lutarão entre si? Essa questão remete à crítica de Fanon (2008) sobre a necessidade de uma consciência internacionalista das lutas anticoloniais, capaz de transcender divisões étnicas ou nacionais para enfrentar o sistema colonial-capitalista em sua totalidade. No filme, essa tensão é parcialmente resolvida por alianças estratégicas, mas a narrativa não oculta os ressentimentos e interesses divergentes, mostrando que a construção de solidariedades não é linear nem isenta de conflitos.

O Brasil e outros países da América Latina também carregam marcas dessa dificuldade de articulação entre diferentes lutas. A herança colonial ibérica fragmentou resistências, fomentando divisões raciais e regionais que ainda hoje dificultam ações conjuntas. Reconhecer esses obstáculos é parte do processo de construção de alternativas emancipadoras, como sugere Freire (1996): a libertação exige diálogo crítico, reconhecimento mútuo e compromisso ético.

Assim, ao articular conceitos de colonialidade do poder (Quijano, 2010), desobediência epistêmica (Mignolo, 2010), necropolítica (Mbembe, 2018), racismo estrutural (Almeida, 2019), pedagogia libertadora (Freire, 1996) e princípio esperança (Bloch, 2005), *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* pode ser compreendido como artefato cultural que, mesmo nas contradições de seu contexto de produção, contribui para a imaginação política de outros mundos. Essa imaginação, alimentada pela memória de resistências latino-americanas e africanas, é componente vital na luta contra as múltiplas faces do colonialismo, do racismo e do capitalismo global.



RELICI

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Subtópico 1: análise da trama, enredo e roteiro de Pantera Negra: Wakanda Para Sempre

A análise do filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* (2022), dirigido por Ryan Coogler e coescrito com Joe Robert Cole, exige, em primeiro lugar, um olhar atento para a forma como a narrativa foi construída após a morte de Chadwick Boseman, intérprete de T'Challa, o Pantera Negra original. O falecimento do ator, em agosto de 2020, não apenas impactou emocionalmente o elenco e a equipe, mas também redefiniu todo o projeto do filme (COOGLER; COLE, 2022). Em vez de optar pela substituição direta do personagem, a Marvel Studios tomou a decisão de integrar a morte de T'Challa à trama, criando um luto diegético que espelha o luto extradiegético, em um gesto de metalinguagem que confere à narrativa uma dimensão de autenticidade e respeito (HALL, 2015).

O roteiro se inicia com a tentativa desesperada de Shuri, irmã de T'Challa, de recriar sinteticamente a erva-coração, destruída por Killmonger no primeiro filme, para salvar o irmão de uma doença misteriosa. A falha da empreitada resulta na morte do monarca, gerando um trauma que atravessa todo o enredo. Esse momento inicial, embora breve, estabelece a tonalidade emocional do filme: a dor pessoal e coletiva é o motor da ação, e o roteiro não hesita em explorar o impacto da perda sobre personagens centrais e sobre o próprio reino de Wakanda. A partir daí, a narrativa constrói uma complexa teia de conflitos internos e externos, articulando drama político, ação e mitologia.

No nível macro, a trama articula três eixos: (1) a transição de liderança e a reorganização política de Wakanda; (2) a ameaça externa das potências mundiais, interessadas em explorar o vibranium; e (3) a emergência de Talokan, uma civilização submersa mesoamericana liderada por Namor. O segundo e o terceiro eixos convergem, uma vez que a busca ocidental pelo vibranium leva à possível descoberta da existência de Talokan, colocando-os em rota de colisão com Wakanda. O roteiro,



RELICI

portanto, desloca a habitual polarização entre “bem” e “mal” típica de filmes de super-heróis para uma lógica de conflito entre dois povos não hegemônicos, ambos vítimas históricas do colonialismo, mas com estratégias distintas de sobrevivência e resistência.

Do ponto de vista estrutural, o roteiro de Coogler e Cole segue um modelo clássico de três atos, mas com nuances que o diferenciam da fórmula Marvel tradicional. O primeiro ato é marcado pelo luto e pela exposição dos novos conflitos geopolíticos, introduzindo Namor e seu povo. O segundo ato se concentra no conflito crescente entre Wakanda e Talokan, intensificado pelo sequestro de Shuri e Riri Williams (Coração de Ferro). O clímax, no terceiro ato, se dá na batalha marítima, seguida por uma resolução que evita o extermínio e opta por uma aliança tensa entre as duas nações. Essa estrutura narrativa, ainda que convencional, é preenchida por escolhas dramáticas e políticas que subvertem expectativas: não há uma vitória absoluta, mas sim um acordo instável, sugerindo que a verdadeira luta não é entre Wakanda e Talokan, mas contra as potências coloniais globais.

A construção de Namor como antagonista, ou mais precisamente como contraparte política de Shuri, merece destaque. Interpretado por Tenoch Huerta Mejía, o personagem é reimaginado a partir das origens nos quadrinhos para incorporar elementos culturais maias e mesoamericanos. Essa decisão estética e narrativa é coerente com a proposta de “desobediência epistêmica” de Mignolo (2010), pois afirma a legitimidade de cosmologias e estéticas não ocidentais em um universo narrativo globalmente consumido. Namor não é reduzido ao papel de vilão caricatural; sua motivação (proteger seu povo do genocídio e da exploração) é apresentada como legítima, ainda que seus métodos sejam radicais. Essa complexidade moral aproxima o personagem da leitura fanoniana sobre a violência anticolonial como resposta à violência histórica (FANON, 2008).

O roteiro também estabelece paralelos claros entre Wakanda e Talokan. Ambas são nações ocultas, detentoras de recursos tecnológicos e naturais cobiçados pelo mundo exterior. No entanto, enquanto Wakanda opta por uma postura mais



RELICI

diplomática e controlada, Talokan adota uma política de ataque preventivo, refletindo não apenas diferenças culturais, mas também experiências históricas distintas de enfrentamento ao colonialismo. Tal escolha narrativa reforça a discussão sobre as múltiplas formas de resistência no Sul Global (QUIJANO, 2010; ALMEIDA, 2019), e inflama o debate: qual a mais adequada?

Do ponto de vista da dramaturgia, o luto de Shuri é o arco emocional central do filme. Sua trajetória vai da negação e raiva à aceitação e tomada de responsabilidade como nova Pantera Negra. Esse desenvolvimento é marcado por um momento-chave: seu encontro visionário com Killmonger, vilão interpretado por Michael B. Jordan, no plano ancestral. A escolha do roteiro de colocar Killmonger, e não T'Challa ou Ramonda, como interlocutor nesse momento revela a tensão interna de Shuri entre o caminho da vingança e o da preservação. Essa cena funciona como um dispositivo narrativo para dramatizar a escolha ética e política que ela precisa fazer, incorporando o debate sobre possíveis limites e perigos da violência revolucionária (FREIRE, 1996; BLOCH, 2005).

A presença de Riri Williams como personagem secundária, embora criticada por alguns como inserção para futuras produções, cumpre uma função narrativa relevante: ela é o catalisador que leva à colisão entre Wakanda e Talokan, pois sua invenção (um detector de vibranium) é utilizada pelo governo norte-americano para invadir territórios proibidos. Aqui, o roteiro mobiliza a metáfora tecnológica para abordar a relação entre ciência, propriedade intelectual e colonialismo, em sintonia com debates sobre “acumulação por espoliação” (HARVEY, 2004) e exploração de saberes locais sem consentimento.

O clímax do filme, na batalha naval, evita o final convencional de aniquilação do inimigo. Em vez disso, Shuri opta por poupar Namor, estabelecendo um pacto que reconhece a soberania de ambos os povos. Essa resolução é coerente com a pedagogia freireana, que propõe o diálogo como caminho para a libertação mútua (FREIRE, 1996), e com a utopia blochiana, que vislumbra futuros alternativos mesmo em cenários de conflito (BLOCH, 2005). Ao mesmo tempo, deixa em aberto as tensões



RELICI

políticas que podem ser exploradas em narrativas futuras, reconhecendo que a emancipação não é um evento, mas um processo.

Assim, o epílogo do filme, com Shuri realizando o ritual de passagem e queimando as vestes de luto, intercalado pela revelação do filho de T'Challa, encerra a narrativa com uma nota de esperança. Essa escolha ecoa o “princípio esperança” de Bloch (2005), no sentido de que, mesmo diante da perda e da destruição, há sempre a possibilidade de continuidade e renovação. O roteiro, assim, articula emoção, política e estética de forma a dialogar com questões centrais das lutas contra a colonialidade, conectando experiências africanas e latino-americanas em um mesmo horizonte de resistência.

Subtópico 2: narrativas em disputa no núcleo Pantera Negra/Namor

O núcleo Pantera Negra/Namor oferece um laboratório privilegiado para observar como o cânone da Marvel encena, disputa e reverte epistemologias — entre uma soberania afrofuturista, tecnologicamente enraizada em África, e uma cosmologia oceânica que, nos quadrinhos, vem de Atlântida, e no MCU foi reimaginada como Talokan com matriz mesoamericana. A primeira aparição de T'Challa em *Fantastic Four* #52 instala Wakanda como Estado negro hipertecnológico e soberano no coração da Marvel (LEE; KIRBY, 1966). A capa e a ficha da edição confirmam a estreia do herói e da nação em julho de 1966, já subvertendo a cartilha colonial ao inverter o eixo de poder — o “país escondido” não é atrasado, mas potência (HALL, 2015; QUIJANO, 2010).

No outro polo, Namor nasce como anti-herói anfíbio da chamada “Era de Ouro”, em *Marvel Comics* #1 (EVERETT, 1939). Desde a origem, ele oscila entre defesa implacável do seu povo e confronto com a superfície, inaugurando uma ética do “cuidado parcial” — o mundo de baixo antes do de cima — que atravessa décadas (MBEMBE, 2018; ALMEIDA, 2019).

Nos quadrinhos contemporâneos, duas passagens cristalizam colisões de projetos de mundo entre Wakanda e Atlântida. A primeira ocorre em *Avengers vs. X-*



RELICI

Men (2012), quando Namor, empoderado pela Força Fênix, ataca Wakanda com um tsunami devastador, episódio que reconfigura alianças e cria um rancor geopolítico duradouro (BENDIS et al., 2012). A Marvel descreve esse ataque como um ponto de virada na história de ambos os reinos, e o sumário do #8 situa a “invasão de uma nação soberana” como ápice dessa escalada (HALL, 2015; MBEMBE, 2018).

A segunda virada está no ciclo de “reconstrução” e autocrítica em *Black Panther* (2016–2018), de Ta-Nehisi Coates, que dramatiza insurgências internas, crise do modelo monárquico e reinvenção de instituições, em suma, uma pedagogia política do Estado wakandano (COATES, 2016). As páginas da série “*A Nation Under Our Feet*” colocam T’Challa diante de movimentos populares e atores subalternos que exigem redistribuição de poder, tematizando o conflito entre tradição e democracia, e abrindo espaço para Shuri como sujeito político e epistêmico (MIGNOLO, 2010; SANTOS; MENESES, 2010).

Se nos quadrinhos a tensão Atlântida–Wakanda é majoritariamente atlântica/greco-mítica, o MCU opera uma “tradução cultural” decisiva ao converter Atlântida em Talokan, civilização submersa vinculada à diáspora maia. Essa decisão reprojeta Namor como governante de uma nação mesoamericana que fala maia yucateco, exhibe iconografia, rituais e indumentária inspirados em culturas pré-colombianas e se posiciona como ferida histórica aberta do colonialismo ibérico (MIGNOLO, 2010; QUIJANO, 2010). Em materiais oficiais e coberturas curatoriais, a Marvel e instituições culturais destacam explicitamente a inspiração mesoamericana na construção de Talokan e do personagem no filme (COUGLER, 2022; DAMORE, 2023; BLANCK, 2022; JAMESON, 1994).

Esse redesenho torna mais palpável o diálogo entre epistemologias díspares: de um lado, Wakanda condensa uma modernidade não ocidental que combina tecnologia, ancestralidade e diplomacia, um *cosmos* afrofuturista cuja soberania jamais foi colonizada; de outro, Talokan/Atlântida encarna uma ontologia anfíbia, ecopolítica, voltada à proteção do território e da memória traumática do genocídio, com disposição para a violência defensiva (FANON, 2008; MBEMBE, 2018). Na chave



RELICI

de Mignolo (2010), a “desobediência epistêmica” de ambos rompe a “autoridade do zero ponto” eurocêntrico: a tecnologia não é monopólio ocidental; a ciência pode nascer do vibranium e das águas profundas; o desenvolvimento não exige colonizar (ou ser colonizado).

A história editorial do Pantera Negra ajuda a mapear como a Marvel já vinha expandindo esse horizonte. A fase de Reginald Hudlin (2005) reitera Wakanda como potência geopolítica inviolável e dá centralidade a Shuri, desenhando os contornos de uma pluralização do panteão wakandano (HUDLIN, 2005). Já Coates (2016) reintroduz a dimensão interna da política, aproximando Wakanda de conflitos reais do Sul Global (insurreições, demandas por participação, fraturas entre elite e povo), numa sintonia fina com a crítica do racismo estrutural e das burocracias do poder (ALMEIDA, 2019; HALL, 20L).

Em paralelo, Namor permanece fiel ao eixo atlântico do dissenso. Desde *Marvel Comics* #1, sua “parcialidade” para com o reino submerso questiona o universalismo abstrato da superfície: salvar “o mundo” à custa do mar não é solução; oceanos também são território (EVERETT, 1939). Em sagas posteriores, seu revisionismo moral — ora vingador, ora adversário — reafirma o que Jenkins (2009) chamaria de circulação de sentidos em ecossistemas convergentes: públicos e autores reapropriam Namor como soberano, ambientalista radical, anti-imperial. Mesmo quando age de modo condenável (como em *AvX*), a lógica é inteligível: a soberania de um povo oprimido sob risco existencial pauta a decisão (FANON, 2008; MBEMBE, 2018).

No MCU, a “virada Talokan” intensifica a legibilidade colonial dessas escolhas. Entrevistas oficiais explicitam que Coogler quis apresentar “outro soberano”, um político que representa um coletivo histórico, não apenas um antagonista funcional. Isso se condensa em gestos concretos: língua maia, cosmograma aquático, regália de jade e plumas, e a guerra preventiva entendida como resposta a cinco séculos de agressão (QUIJANO, 2010; FREIRE, 1996; BLOCH, 2005). A própria Marvel registra essa intenção; reportagens culturais independentes complementam a leitura,



RELICI

sublinhando o ganho de representação indígena e a pesquisa etno-histórica na *mise-en-scène* (PAIGE, 2022; WHEELER, 2022; BLANCK, 2022).

Esses dois núcleos encenam, portanto, dois modos de saber e governar. Wakanda dramatiza uma “modernidade outra” (SANTOS; MENESES, 2010): ciência de ponta sem colonialismo, tecnologia com ética do cuidado, diplomacia como arte do mundo comum. Talokan radicaliza a memória como política de vida: o oceano como arquivo, a recusa como método, a guerra como autodefesa de um povo soterrado por pestes, cruzes e aço (MBEMBE, 2018; QUIJANO, 2010). A colisão, seja em *AvX*, seja em *Wakanda Forever*, ilumina dilemas reais do Sul Global: cooperação entre oprimidos ou guerra entre margens? Diálogo freireano ou revanche fanoniana? O filme resolve provisoriamente com um armistício tenso; os quadrinhos deixam cicatrizes que reaparecem em arcos posteriores — um lembrete de que emancipação é processo, não clímax (FREIRE, 1996; BLOCH, 2005; JAMESON, 1994).

Como figuras ilustrativas desse percurso histórico nos quadrinhos, a capa de Marvel Comics nº 1 (1939), exibida como Figura 1, representa a ancestralidade editorial de Namor, marcando sua estreia pública e destacando-o como um dos primeiros heróis da editora que posteriormente se transformaria na Marvel. A estreia solo de *Sub-Mariner* nº 1 (1968) consolida sua imagem de monarca insurgente, enquanto sagas como *Avengers vs. X-Men* (2012) ressaltam sua ambivalência moral e papel estratégico em episódios de crise (BENDIS et al., 2012). Essas capas e arcos narrativos, acessíveis por meio de catálogos oficiais da editora, constituem um apêndice iconográfico essencial no artigo, permitindo uma leitura visual da trajetória simbólica de Namor e da construção de sua representação cultural e política.



RELICI

106



Figura 1. Capa de Marvel Comics nº 1 (outubro de 1939), com a primeira aparição do Sub-Mariner (Namor) e outros personagens da Era de Ouro das histórias em quadrinhos.

Fonte: Everett (1939). Disponível em:

https://www.marvel.com/comics/issue/10008/marvel_comics_1939_1. Acesso em: 5 set. 2025.

Desta feita, quando aproximamos Wakanda e Namor — quadrinhos e MCU —, vislumbramos uma cartografia de epistemologias em fricção criativa. Wakanda oferece uma crítica performativa ao mito do progresso colonial: há técnica fora do Ocidente; há futuro negro sem tutela. Namor/Talokan reposiciona a América Latina indígena como sujeito de história e tecnologia, não como exotismo de fundo. Entre diplomacia e retaliação, ritual e engenharia, memória e utopia, o diálogo entre esses núcleos abre, com Bloch (2005), janelas do “ainda-não”; com Freire (1996), práticas de conscientização; com Mignolo (2010) e Quijano (2010), horizontes de desobediência epistêmica; com Mbembe (2018) e Almeida (2019), uma crítica às administrações da vida e da morte que ainda governam nossas águas e terras. E, como lembra Jameson (1994), mesmo sob as gramáticas da indústria cultural, é nessa tensão (contradição visível) que lampejam as imagens de um mundo por vir.



RELICI

Subtópico 3: desdobramentos narrativos: o retorno de Namor, as projeções para o MCU e as heranças de Wakanda Para Sempre

O encerramento de *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* (COOGLER, 2022) não se limita a concluir o arco dramático de luto e reconciliação entre Wakanda e Talokan; ele também planta sementes narrativas para o futuro do Universo Cinematográfico da Marvel (MCU). O pacto tenso firmado entre Shuri, a nova Pantera Negra, e Namor estabelece um precedente geopolítico que promete reverberar em produções subsequentes. A cena em que Namor explica a Namora, sua principal aliada, que a aliança com Wakanda é uma jogada estratégica e que, inevitavelmente, o mundo exterior virá atrás do vibranium, é fundamental para entender a sua postura: longe de uma rendição, trata-se de uma espera calculada. Essa disposição a agir no momento oportuno se alinha à trajetória do personagem nos quadrinhos, onde o rei de Atlântida/Talokan alterna períodos de reclusão estratégica e aparições explosivas em momentos de crise (EVERETT, 1939; BENDIS et al., 2012).

Rumores consistentes e supostos vazamentos de roteiros preliminares da Marvel Studios para a Fase 6 — ainda não oficialmente confirmados pelo estúdio — indicam que *Doomsday* funcionará como evento catastrófico preparatório para *Secret Wars*, reunindo múltiplas linhas narrativas e personagens de diversas realidades. Nesses vazamentos, descrições apontam Namor como peça-chave no equilíbrio entre forças terrestres e ameaças cósmicas, mantendo sua lógica de “aliado condicional” e usando o peso geopolítico de Talokan para negociar sua sobrevivência diante do colapso iminente. Tal configuração espelha a sua função histórica nos quadrinhos, em que, em momentos de crise extrema, age prioritariamente para proteger seu povo, mesmo que isso signifique confrontar antigos aliados (BENDIS et al., 2012; COATES, 2016).

Nos quadrinhos, esse comportamento é exemplificado de forma marcante na saga *Avengers vs. X-Men* (2012), na qual Namor, imbuído pela Força Fênix, ataca Wakanda com um tsunami devastador. Embora a ação seja condenada por outros heróis, o ato é coerente com sua ética política centrada na soberania atlântica: a



RELICI

defesa intransigente de sua nação justifica métodos extremos. Esse padrão narrativo sugere que seu retorno no MCU, caso *Doomsday* e *Secret Wars* sigam a lógica de adaptação de eventos-catástrofe, poderá replicar a tensão entre colaboração estratégica e enfrentamento direto, sempre com Talokan como prioridade.

Nesse contexto, compreender o percurso histórico do núcleo Namor/Wakanda entre mídias diferentes ajuda a visualizar como o personagem pode ser posicionado nos próximos eventos. A Figura 2 apresenta uma linha do tempo comparativa entre os marcos narrativos dos quadrinhos e do MCU, evidenciando momentos em que a atuação de Namor foi determinante em tramas de alto impacto e como essas referências vêm sendo adaptadas no cinema.

O arco estabelecido em *Wakanda Para Sempre* também abre caminhos para o desenvolvimento de subtramas envolvendo política internacional dentro do MCU. Ao expor, já nas primeiras cenas, a pressão de potências mundiais para acessar o vibranium, o filme antecipa um tema que pode ganhar centralidade em futuros títulos: a corrida armamentista e tecnológica em torno desse recurso. Wakanda, até então isolada e autossuficiente, assume um papel mais ativo na arena internacional, o que pode levar a novos conflitos — tanto externos, com Estados-nação tentando violar sua soberania, quanto internos, com facções wakandanas discordando da política externa da nova monarca.

Nesse contexto, a presença de Talokan como “aliado condicional” cria uma rede de segurança e, simultaneamente, um potencial foco de instabilidade. Shuri, enquanto líder, precisará equilibrar a diplomacia herdada de T’Challa com a assertividade que caracterizou sua ascensão, e Namor, por sua vez, continuará observando e calculando, pronto para se posicionar quando a balança de poder pender contra seu reino. Esse equilíbrio frágil ecoa dilemas reais do Sul Global, onde alianças entre países pós-coloniais frequentemente oscilam entre cooperação e competição por recursos estratégicos (QUIJANO, 2010; MIGNOLO, 2010).



RELICI

Ano	Mídia / Fonte	Evento / Arco	Descrição e Implicações	Referência
1939	<i>Marvel Comics</i> #1	Estreia de Namor	Criado por Bill Everett, o Príncipe Submarino surge como personagem da “Era de Ouro” da Timely Comics, com postura ambígua e foco na defesa de Atlântida.	(EVERETT, 1939)
1966	<i>Fantastic Four</i> #52	Estreia de T'Challa / Wakanda	Primeira aparição do Pantera Negra, apresentando Wakanda como nação africana tecnologicamente avançada e nunca colonizada.	(LEE; KIRBY, 1966)
1968	<i>Sub-Mariner</i> #1	Consolidação de Namor como monarca	Série solo expande Atlântida, diplomacia submarina e conflitos com a superfície.	(EVERETT, 1968)
2012	<i>Avengers vs. X-Men</i> #8	Conflito Namor–Wakanda	Namor, possuído pela Força Fênix, ataca Wakanda com tsunami, gerando tensões duradouras.	(BENDIS et al., 2012)
2016–2018	<i>Black Panther</i> (Ta-Nehisi Coates)	Crise interna e reformas políticas	Arco “ <i>A Nation Under Our Feet</i> ” mostra insurgências internas e questiona o modelo monárquico, abrindo espaço para Shuri como liderança política.	(COATES, 2016)
2018	<i>Black Panther</i> (Filme, MCU)	Introdução de Wakanda no MCU	Ryan Coogler estabelece Wakanda como potência afrofuturista.	(COOGLER, 2018)
2022	<i>Black Panther: Wakanda Forever</i> (Filme, MCU)	Introdução de Talokan / Namor	Namor é reimaginado como soberano mesoamericano; conflito e armistício com Wakanda estabelecem nova dinâmica geopolítica.	(COOGLER, 2022)
Prev. 2025–2026	<i>Doomsday / Secret Wars</i> (Rumores, MCU)	Possível retorno de Namor	Supostos vazamentos apontam Namor como ator estratégico no enfrentamento de ameaças globais e cósmicas, equilibrando alianças e interesses de Talokan.	(MARVEL STUDIOS, 2024)

Figura 2. Linha do tempo comparativa entre quadrinhos e MCU para o núcleo Namor/Wakanda

Fonte: Elaboração própria com base em Everett (1939), Lee e Kirby (1966), Everett (1968), Bendis et al. (2012), Coates (2016), Coogler (2018; 2022) e Marvel Studios (2024).

Outro desdobramento relevante é a introdução formal de Riri Williams (Coração de Ferro) no MCU. Sua relação com Wakanda e seu envolvimento involuntário no conflito com Talokan estabelecem um elo narrativo que poderá ser retomado após sua série própria (*Ironheart*) (BAILEY, BARNEYS, 2025) e em eventuais tramas envolvendo jovens heróis, como um possível *Jovens Vingadores*. Essa conexão também reforça a dimensão transnacional das histórias: uma jovem cientista negra norte-americana, um reino africano tecnocientífico e uma civilização



RELICI

submersa mesoamericana entrelaçam destinos, ampliando o escopo das epistemologias que o MCU coloca em circulação (HALL, 2015; SANTOS; MENESES, 2010).

No plano simbólico, o retorno de Namor em um arco de “*Doomsday*” ou *Secret Wars* teria implicações significativas. Nos quadrinhos, *Secret Wars* (1984; 2015) reúnem heróis e vilões em arenas de conflito que desafiam noções de lealdade e identidade. Namor, nessas histórias, muitas vezes atua como intermediário entre forças antagônicas, explorando oportunidades para garantir a sobrevivência de seu povo. Transferido para o MCU, esse posicionamento poderia render sequências nas quais Talokan assume papel determinante na resolução de uma ameaça global, reforçando a ideia de que nações periféricas também são protagonistas na história mundial, e não meros espectadores ou territórios a serem salvos.

Do ponto de vista de construção de universo, *Wakanda Para Sempre* também estabelece paralelos e contrastes que podem ser explorados em produções futuras. Talokan, com sua estética inspirada em culturas maias, oferece possibilidades narrativas que dialogam diretamente com outras franquias e personagens do MCU que exploram temas de legado, ancestralidade e resistência. Ao mesmo tempo, a relação entre Shuri e Namor, marcada por respeito mútuo, divergências táticas e compreensão compartilhada da ameaça colonial, cria um terreno fértil para colaborações e conflitos em futuros crossovers.

A importância de Namor nesse contexto reside justamente em sua capacidade de tensionar alianças. Ele não se encaixa no molde tradicional de herói ou vilão; sua bússola moral é orientada pela preservação de Talokan, o que pode colocá-lo ora ao lado, ora contra outros personagens centrais. Essa ambiguidade enriquece o tecido narrativo do MCU, oferecendo complexidade política e dramática em um universo que, por vezes, é criticado por dicotomias simplistas. Ao mesmo tempo, a manutenção de Talokan como potência oculta garante um elemento de surpresa estratégica — uma carta que pode ser jogada em momentos de crise, alterando o equilíbrio de forças de maneira abrupta.



RELICI

A decisão de Coogler de encerrar *Wakanda Para Sempre* com um armistício, em vez de uma vitória unilateral, também se projeta para o futuro. Diferente de outros encerramentos da Marvel, aqui não há um “retorno à normalidade”, mas sim a inauguração de uma nova ordem instável. Essa escolha narrativa se alinha ao pensamento de Bloch (2005) sobre o “princípio esperança”: o futuro não é dado, mas construído no processo, e as alianças, ainda que frágeis, podem abrir caminhos para transformações estruturais. No contexto do MCU, isso significa que cada interação futura entre Wakanda e Talokan carregará o peso dessa história comum, influenciando decisões em escalas local e cósmica.

Em termos de integração com o arco macro do MCU, os eventos de *Wakanda Para Sempre* se conectam subsidiariamente às tramas de *Thunderbolts** e *Captain America: Brave New World*. A crescente disputa por recursos estratégicos como o vibranium e, mais, ainda, o Adamantium, pode vir a servir de pano de fundo para futuros confrontos ideológicos e militares, nos quais Namor, Shuri e outros líderes precisarão posicionar-se. O eventual cenário de “*Doomsday*”, seja ele um colapso ambiental, uma invasão extraterrestre ou um cataclismo multiversal, encontrará em Talokan e Wakanda dois polos de resistência com potencial de alterar o desfecho.

Por fim, o legado de *Wakanda Para Sempre* para o MCU não se limita aos elementos de continuidade narrativa. O filme consolidou a possibilidade de introduzir civilizações complexas e culturalmente enraizadas no universo compartilhado, sem reduzi-las a estereótipos ou subordiná-las a potências já estabelecidas. Ao fazer isso com Wakanda e Talokan, abriu-se espaço para que o MCU explore, de maneira mais consistente, epistemologias diversas e narrativas do Sul Global, articulando-as a eventos de escala planetária e cósmica. O retorno de Namor, em qualquer formato, será inevitavelmente carregado dessas camadas históricas e políticas, tornando-o um dos personagens mais estratégicos e potencialmente disruptivos do futuro da franquia.



RELICI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* (COOGLER, 2022) demonstrou que, apesar de inserida no contexto da indústria cultural global, a obra consegue articular uma narrativa contra-hegemônica, capaz de tensionar padrões narrativos e visuais predominantes no cinema *mainstream*. Como apresentado na introdução, o objetivo deste artigo não foi a defesa de um discurso político-partidário, mas sim a exploração de um potencial emancipador inscrito na trama, nos diálogos e nas escolhas estéticas do filme.

O confronto e a reconciliação entre Wakanda e Talokan se revelaram elementos centrais para pensar as múltiplas formas de resistência dos povos não ocidentais frente à colonialidade do poder (QUIJANO, 2010). Wakanda, com seu afrofuturismo tecnológico e soberania preservada, e Talokan, com sua cosmovisão mesoamericana e resistência aquática, oferecem dois projetos distintos de sobrevivência e autonomia. Essa tensão dialoga diretamente com o conceito de “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2010), já que ambos os povos rejeitam o enquadramento ocidental de modernidade e progresso, propondo alternativas próprias de desenvolvimento e preservação cultural.

A presença de Namor, em especial, foi destacada como ponto de convergência entre passado e futuro do MCU. Tanto na representação cinematográfica quanto na tradição dos quadrinhos (EVERETT, 1939; BENDIS et al., 2012), o personagem mantém coerência com seu papel histórico: um soberano disposto a alianças táticas, mas intransigente na defesa de seu povo. Essa ambiguidade, longe de enfraquecer a narrativa, adiciona densidade política e dramática, permitindo múltiplas leituras à luz da necropolítica (MBEMBE, 2018) e do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019).

O pacto firmado no final do filme, embora provisório, representa uma rara abordagem no cinema de heróis: a resolução de um conflito sem destruição total do antagonista e sem uma “vitória” tradicional. Essa escolha, em termos freireanos, aproxima-se de uma pedagogia da autonomia (FREIRE, 1996), na qual o diálogo e a



RELICI

consciência histórica orientam as decisões. O armistício não apaga as divergências, mas reconhece o valor da vida e da autodeterminação de cada nação. Nesse sentido, a obra confirma a proposição de Bloch (2005) sobre o “princípio esperança”: mesmo em meio ao trauma e à incerteza, a possibilidade de futuros mais justos permanece aberta.

Outro aspecto relevante que retoma os objetivos da introdução é a forma como o filme posiciona o espectador frente à geopolítica do vibranium. Ao mostrar potências mundiais pressionando Wakanda e invadindo territórios em busca do recurso, a narrativa expõe a lógica de exploração e pilhagem que marcou a história colonial e persiste em sua versão neocolonial. A inclusão de Talokan amplia esse debate, deslocando-o para a perspectiva latino-americana e indígena, com ressonâncias diretas na história de exploração de recursos naturais e violência contra povos originários na América Latina.

A articulação entre quadrinhos e MCU, analisada no Subtópico 2, reforçou a importância de compreender como diferentes mídias tratam a interação entre Wakanda e Namor. Enquanto nos quadrinhos essa relação é frequentemente marcada por rupturas violentas e ressentimentos duradouros, no MCU a opção por um pacto tenso abre caminho para colaborações futuras, inclusive em eventos de escala global, como os rumores em torno de *Doomsday* e *Secret Wars*. Essa divergência entre mídias revela uma potencial estratégia do estúdio em criar um núcleo narrativo que sustente múltiplos filmes e cruze com outras franquias.

No Subtópico 3, a linha do tempo (Figura 2) serviu para situar os momentos-chave dessa relação ao longo de mais de oito décadas, permitindo visualizar a coerência interna do personagem Namor e a evolução da geopolítica de Wakanda. Esse resgate histórico é essencial para sustentar projeções narrativas consistentes e para compreender como o MCU pode explorar o potencial diplomático, militar e simbólico desse núcleo no futuro.

Ao responder à introdução, também é possível afirmar que o filme cumpre o papel de “pedagogia estética” (HALL, 2015), pois, ao mesmo tempo que entretém,



RELICI

provoca reflexão crítica sobre temas como colonialismo, soberania, identidade cultural e alianças estratégicas no Sul Global. O espectador é convidado a enxergar além do embate físico, reconhecendo as disputas ideológicas e históricas que sustentam o conflito central.

Portanto, *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* não se resume a uma sequência ou a uma homenagem ao legado de Chadwick Boseman. É, antes, uma obra que se inscreve em um projeto maior de ampliação de representações e de incorporação de epistemologias diversas no *mainstream* global, sem abdicar da complexidade política. A manutenção de Namor no tabuleiro narrativo e a abertura para novos cruzamentos com Wakanda sugerem que o MCU pode explorar, de forma ainda mais intensa, a ideia de alianças circunstanciais e confrontos éticos em um mundo multipolar.

Conclui-se que o filme dialoga com os objetivos traçados na introdução ao apresentar um olhar político e emancipador sobre a narrativa de super-heróis, ancorado em conceitos críticos e na valorização de histórias e culturas historicamente marginalizadas. O que se vislumbra, à luz de Bloch (2005), é que a luta contra o colonialismo, seja ela travada nos campos simbólicos do cinema ou nas lutas concretas, é também a luta por imaginar e construir futuros outros, plurais e livres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BAILEY, Sam; BARNES, Angela (dir.). **Ironheart**. Produção: Kevin Feige; Louis D'Esposito; Brad Winderbaum; Zoie Nagelhout; Chinaka Hodge; Ryan Coogler; Sev Ohanian; Zinzi Coogler. [Série de TV]. Estados Unidos: Marvel Studios; Marvel Television; Proximity Media, 2025. Estreia em 24 jun. 2025 no Disney+; 6 episódios.

BENDIS, Brian Michael (roteiro); KUBERT, Adam (arte). **Avengers vs. X-Men n. 8**. Estados Unidos: Marvel Comics, jul. 2012. Disponível em: https://www.marvel.com/comics/issue/41275/avengers_vs_x-men_2012_8. Acesso em: 5 set. 2025.



RELICI

BLANCK, Nili. The mesoamerican influences behind Namor from 'Black Panther: Wakanda Forever'. **Smithsonian Magazine**, Washington, D.C., 10 nov. 2022. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/history/the-mesoamerican-influences-behind-namor-from-black-panther-wakanda-forever-180981106/>. Acesso em: 5 set. 2025.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Tradução de Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

COATES, Ta-Nehisi (roteiro); STELFREEZE, Brian (arte). **Black Panther (Vol. 6) n. 1: A Nation Under Our Feet: Part 1**. Estados Unidos: Marvel Comics, abr. 2016. Disponível em: https://www.marvel.com/comics/issue/57382/black_panther_2016_1. Acesso em: 4 set. 2025.

COOGLER, Ryan (dir.); COLE, Joe Robert (roteiro). **Pantera Negra: Wakanda para sempre**. Produção: Kevin Feige; Nate Moore. [Filme]. Estados Unidos: Marvel Studios, 2022.

DAMORE, Meagan. A deep dive on Talokan's underwater society with 'Black Panther: Wakanda Forever's' hair & makeup leads. **Marvel**, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www.marvel.com/articles/movies/black-panther-wakanda-forever-hair-makeup-camille-friend-joel-harlow-interview>. Acesso em: 5 set. 2025.

EVERETT, Bill (arte e roteiro). **Marvel Comics n. 1**. Estados Unidos: Timely Comics (hoje Marvel Comics), out. 1939. Disponível em: https://www.marvel.com/comics/issue/10008/marvel_comics_1939_1. Acesso em: 5 set; 2025.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.



RELICI

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

HUDLIN, Reginald (roteiro); ROMITA JR., John (arte). **Black Panther (2005) n. 1**. Estados Unidos: Marvel Comics, fev. 2005. Disponível em: <https://www.marvel.com/comics/issue/1637/black-panther-2005-1>. Acesso em: 4 set. 2025.

JAMESON, Fredric. **The seeds of time**. New York: Columbia University Press, 1994.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEE, Stan (roteiro); KIRBY, Jack (arte). **Fantastic Four n. 52**. Estados Unidos: Marvel Comics, jul. 1966.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p. ISBN 978-85-6694-350-4.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.